

Formação, Tradição e Rupturas: Vestígios Culturais de Famílias Judias Alemãs Em Rolândia (1930-1945)

Helena Ragusa(UNESP -ASSIS)

Foi entre fotografias, cartas e outras fontes disponíveis no Centro de Documentação e Pesquisa da Universidade Estadual de Londrina, sob o olhar atento do professor Marco Antonio Neves Soares que surgiu esta pesquisa. Minha investigação inicial era saber mais acerca da vinda de algumas famílias judias alemãs que foram se estabelecer em Rolândia entre as décadas de 1930 e 1940.

No Brasil, a presença judaica perpassa por quase todos os períodos da história, começando pela chegada dos portugueses. As perseguições sofridas pelos judeus na Europa, teriam sido a principal causa para que tais indivíduos deixassem seus lares e viessem aportar em nosso território, quando ainda éramos colônia, já na segunda metade do século XVI.

Neste estudo, optamos por focar nossos esforços em saber um pouco mais a respeito dos judeus que foram se estabelecer em Rolândia, no século XX. Embora a região já venha sendo objeto de pesquisa para aqueles que se interessam pela vinda destes agentes para o Brasil, percebemos haver um leque bastante amplo ainda de questões que podem e devem ser suscitadas, e, se bem exploradas, muito podem contribuir para compreendermos melhor esse fenômeno da imigração judaica no norte do Paraná, e, por extensão Brasil e América Latina.

No primeiro caso, havia no início dos anos 30 do século XX, a chamada Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP). De origem britânica, a empresa fora criada com o intuito de atender não só os interesses de um país em crise, como também um modo de saldar as dívidas que na época o Brasil possuía (OBERDIEK, 1997:17). A ideia era colonizar rapidamente as terras até então desocupadas, e neste processo a aliança da CTNP com a Cia. dos Estudos Econômicos no Além Mar, propiciava, por meio da propaganda a

vindade migrantes e imigrantes para a ocupação destes espaços (idem, 20). Foi Johannes Schauff, membro principal da Cia. dos Estudos Econômicos no Além Mar que investigando locais na América Latina adequados à colonização alemã, chegou até a CTPN sediada em Londrina (CARNEIRO, 2010:181).

A propaganda em torno de Rolândia e das terras desocupadas ao Norte do Paraná, ia além de um lugar para refugiados ou de caráter estritamente germânico. O objetivo era apresentar a região como uma possibilidade de enriquecimento, um empreendimento bastante atrativo (URSI, 2010: 32-36). Porém, as propagandas com *outros preparados por instituições envolvidas com o resgate de judeus alemães* (CARNEIRO, 2010:181), foram essenciais para que se desse a vinda destes imigrantes. Com o dinheiro das terras compradas por eles, foram adquiridos materiais para a construção da linha ferroviária que iria de São Paulo ao Norte do Paraná, transação essa que interessava a todas as partes envolvidas (idem, 184).

Foi em meio a tal rede de negociação que surgiu Rolândia, iniciando a imigração judaica no ano de 1934, logo após a ascensão de Hitler quando começaram as perseguições nazistas. A maior parte dos estudos acerca desta temática, revelam que o número de judeus de origem judaica alemã que chegaram na região entre as décadas de 1930 e 1940 totalizava em 291 pessoas, por volta de 80 famílias (OBERDIEK, 1997:91). O novo espaço era pouco ou nada parecido com aquele que deixaram, um lugar ainda a ser "explorado", praticamente uma floresta, por isso, os judeus deram o nome de "Stadtplatz", para Rolândia, tendo em vista a lama que formava nas ruas quando chovia, *ou se afundava na lama quando chovia, ou se afundava no pó* (PINCELI, 2008:03).

Neste contexto, nos interessa compreender como estes imigrantes, completamente deslocados de seu lugar no mundo social e cultural, se adaptaram ao novo cenário que ali se constituía. De que maneira estes indivíduos dotados de uma forte característica cosmopolita conseguiram se estabelecer num local onde não havia estrutura, com o risco de contraírem

doenças, realizando tarefas que não estavam acostumados, como no caso de algumas das mulheres ocupando a função de empregadas ou até mesmolidando com a terra? Como sobreviver a um lugar em que era preciso *cavalgar no lombo de um burrico para conseguir penetrar na mata ainda fechada*(CARNEIRO, 2010:181)?

Gudrun Fischer (2005:16), responde em parte a esta questão quando em suas investigações descobre que o jeito era ter sorte nas terras que iriam ser adquiridas por meio da Paraná Plantions. Também, uma outra maneira seria negociar tudo aquilo que os imigrantes conseguiam trazer em suas bagagens. Para aqueles que saíram da Alemanha após a Noite dos Cristais, em 1938, por exemplo, essa prática era quase impossível, uma vez que haviam restrições sobre aquilo que desejavam trazer, isto é, *apenas 10 marcos em sua carteira de fugitivo e para cada objeto comprado para a fuga era necessário pagar o denominado imposto de deserção, que em 1939 atingia o valor da compra* (idem:17).

Neste sentido, a visão de Nigel Rapport (2002:97), em seu estudo acerca do judeu cosmopolita nos ajuda a melhor compreender a sobrevivência deste agente em terras estranhas quando remetendo-o à noção de hóspede, ou seja, aquele que é *hóspede dos procedimentos sociais que possibilitam a contratação da hospedagem mútua, coloca em questão uma ordem social à qual todos podem pertencer e sentir que pertencem*(idem, ibidem).

Mas quem era esse judeu alemão que passou a se estabelecer em Rolândia? As leituras revelam que a interferência sofrida pelos judeus alemães em sua identidade não se deu exclusivamente pelo processo imigratório, mas sim na Alemanha, quando lá se descobriram judeus. Os estudos indicam que os judeus que se fixaram em Rolândia, mais precisamente a partir de 1932, não eram necessariamente religiosos, pois muitos eram frutos de casamentos mistos, outros assimilados e outros ainda convertidos ao luteranismo ou catolicismo (SOARES, 2012:). Eram judeus que sentiam-se completamente alemães, totalmente identificados com a sua pátria, consideravam-se naturalmente alemães.

Isto se deve a dois processos de assimilação do judeu na sociedade alemã, ambos pertencentes ao final do século XVIII e início do XIX. O primeiro deles, conhecido como *Haskalá*, movimento intelectual, iluminista que teria motivado a inserção do judeu no universo alemão e as teses assimilacionistas de Christian Wilhelm von Dohm, as que acreditava na necessidade do aperfeiçoamento civil do judeu (SOARES, 2009:1). Sobre esta última, o autor que não era judeu, mas muito próximo de Moses Mendelssohn, a pedido deste último, escreveu um livro onde constam as teses e onde justificava a ideia de inserção do judeu na sociedade alemã, em direitos e deveres, enquanto uma forma de retirá-lo do quadro de atraso e inferioridade em que se encontrava. Para tanto, a educação seria o caminho(idem, ibidem).

Mas foram os documentos e os cadernos, os quais tivemos acesso, despertaram nosso interesse em compreender este judeu alemão que em Rolândia chegava. Logo que iniciamos a leitura, nos deparamos com uma riqueza de detalhes e a impressão era de que tratavam-se de diários, relatos feitos por um dos imigrantes no período em que esteve na região. A escrita com a qual me deparei é de Michael Traumann, um judeu alemão que refugiou-se da Alemanha em 1937, ano em que veio a se estabelecer na cidade de Rolândia, onde parece ter tido uma atuação bastante significativa na vida cultural da cidade. A família Traumann era conhecida não somente pela grande biblioteca que possuía e os empréstimos de livros que realizava, como também por manter em sua casa um espaço frequentado por crianças. Eram filhos dos imigrantes judeus alemães, um deles se refere ao espaço como "escolinha" dos Traumann(FISCHER, 2005: 52). Na época em que chegou à região, Traumann tinha 12 anos de idade e dela não mais saiu. Dentre outros, suas anotações apontam para alguém vindo de família culta, o que de fato se justificava, uma vez que seu pai possuía um escritório de advocacia na Alemanha, e sua mãe, uma pianista lírica(SOARES, 2012:53).

A forma como Traumann relata suas experiências não pertencem à uma escrita comum. Esta denota uma forte influência do modelo grego. Cada caderno possui um tema e em todos eles os estudos clássicos parecem ser o ponto de partida. Em algumas passagens verifica-se o uso dos filósofos

helenos, dos conceitos ou expressões utilizadas pelos mesmos, especialmente nas comparações ou até mesmo, quando se refere à algumas questões como é o caso da noção construída por eles acerca da cidadania, por exemplo. O fato é que o modelo grego incorporado aos modelos pedagógicos na Alemanha no século XIX até o início do século XX se faz presente nas reflexões de Traumann.

Assim como Traumann, outros imigrantes judeus alemães que foram se fixar em Rolândia nas décadas de 1930 e 1940, demonstram serem oriundos de um universo bastante culto. As leituras revelam tratarem-se de médicos, advogados, professores, economistas, agrônomos, quase todos eles pertencentes à se não de uma classe abastada então, de uma classe média urbana. Haviam também aqueles que não chegaram a concluir seus estudos, ou porque saíram da Alemanha às pressas, ou por terem sido obrigados a abandonar as escolas que frequentavam quando ainda viviam em território alemão. O fato é que muitos destes imigrantes pertenciam à um círculo em que as bases de uma formação alemã, sendo ela cultural, política e social estavam intrínsecas.

Ao que parece, não havia por parte dos judeus alemães que foram se estabelecer em Rolândia interesse algum em manterem-se ligados à Alemanha. No entanto, pudemos perceber logo no início desta pesquisa que apesar de muitos abandonarem a língua alemã, decidiram não mais voltar para aquela que tinham como pátria, ou até de optarem por romper com qualquer vínculo que os associasse à cultura germânica, enfim, constatamos que eliminar totalmente os traços característicos de sua formação não ocorreu. Um exemplo é o caso Traumann e a escrita que elabora quando descreve seu dia a dia na comunidade rolandense, e a influência de Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832), presente entre alguns imigrantes, como o caso dos Maier, como aponta Valdir Pimenta dos Santos Junior (2008: 48-49) em seu estudo acerca da imigração alemã-judaica para o Brasil.

São diversas as passagens em que é possível perceber a profunda relação que esses indivíduos tinham com seus livros. Mesmo que saindo

apressadamente do território alemão, as famílias colocavam em suas malas os pertences que consideravam mais importantes, e, as obras literárias pareciam ocupar o maior espaço. Nas entrevistas concedidas a Gudrun Fischer (2005) em seu estudo sobre mulheres judias no Brasil, há o relato de que a maioria dos judeus alemães que para cá vieram, trouxeram consigo bibliotecas, e por essa razão havia muitos livros para emprestar, como o caso dos Traumann citado há pouco(idem:74).

Num outro depoimento, uma das entrevistadas, ao discorrer sobre sua vinda e de sua família para Rolândia, revela a grande preocupação de seu pai em não deixar os livros para trás. De acordo com ela, foram um total de dois mil, o número de livros que seu pai decidiu carregar em sua mala, dos quais apenas 200 de fato é que chegaram em Rolândia(ídem: 27). A ideia era de que *não queríamos deteriorar intelectualmente. Mantivemos viva a cultura alemã, quena Alemanha estava sendo destruída* (idem, ibidem). O que nos chamou a atenção foram os autores que constavam na lista destes imigrantes, como Goethe, Schiller, poemas e outros mais.

Em várias passagens de alguns textos, a formação que grande parte dos imigrantes judeus alemães haviam tido na Alemanha podia ser notada não só nos livros que carregavam, ou na escrita de Traumann, mas boa parte das refugiadas que eram designadas a desempenharem o papel de educadoras dos filhos das famílias que as contratavam como uma espécie de governantas, ensinando à essas crianças o inglês e cuidando de sua educação.

Neste sentido, dentre os diversos aspectos e elementos que compuseram a vinda de imigrantes judeus alemães para Rolândia, um deles desperta curiosidade, a qual seria a questão da formação ou *Bildung*(WEBER, 2011), que estes indivíduos receberam quando ainda viviam em solo alemão e as influências da mesma sobre a nova sociedade em que se encontravam.

Para tanto, é necessário debruçarmos o nosso olhar para a Alemanha do século XVIII e início do XIX, e buscarmos compreender *a formação, o cultivo e a educação*, desta nação, a mesma que influenciou a construção de um

judeu que se encaixava dentro dos valores formativos da *Kulture* os oriundos da mesma, ou seja, do *judeu alemão*.

Como já vimos, a inserção do judeu na Alemanha como um cidadão emancipado, pleno em seus direitos, civis e políticos, teria sido estimulada pela *Haskalée* pelas teses de Dohm (SOARES, 2009:1). Tendo sido a educação um dos instrumentos para que ocorresse a integração, a escola tornou-se lugar privilegiado, garantindo a assimilação de tal forma que os judeus se identificassem com a nova identidade que naquele momento se construía (SOARES, 2012:45-46).

Embora existam aqueles que acreditam na incapacidade do projeto assimilacionista em levar os judeus á plena integração a sociedade civil, e também o fato de nem eles mesmos, almejarem por essa integração (LOBO, 2012:06), o objetivo era fazer com que os judeus se tornassem rapidamente alemães, deixando para trás qualquer aspecto do judaísmo.

Soares (2012: 43), discorda desta ideia quando afirma que não havia por parte da *Haskalá* uma negação ao judaísmo. As disciplinas de História judaica e Antiguidade hebraica foram mantidas nas escolas judaicas - mesmo que "extra-religiosa" - que passaram por reformulações em seus currículos, como a retirada do *Talmud*, enquanto foco central do ensino.

O fato é que entre o final do século XIX e início do século XX, já era possível percebê-los totalmente imersos nos valores da *Kultur*, um dos projetos estimulados dentro das escolas alemãs, e, também das escolas judaicas.

Completamente assimilados em espaços que até então lhes eram negados, ocupando cargos de confiança, e até mesmo convertendo-se a outras doutrinas religiosas, como é o caso da luterana e da católica (idem: 37- 41), - os judeus tornaram-se cosmopolitas alemães. Um judeu, influenciado pelo cosmopolitismo das escolas alemãs, expresso nas atitudes e no comportamento a serviço de uma nação. Seria aquilo que preconizou Hannah Arendt (1972) em suas reflexões sobre a liberdade, qual seria *o homem só poderia ser livre se possuísse um lugar, um lar no mundo* (idem:194). E trata-se exatamente disso, abrir mão de suas origens, ficando o judaísmo restrito às festas religiosas,

à sua *significação histórico-cultural* ou ainda às suas *atividades políticas*, uma espécie de *invisibilidade*(SOARES, 2012:43).

A ideia, nos parece, seria aquela baseada na lei natural de que todos os seres humanos constituem uma mesma comunidade (cosmópolis), tema bastante recorrente nas *reflexões do pensamento romano, medieval e do contratualismo moderno* (ARAÚJO, 2008:69). Ainda assim, a ideia de pertença à sociedade alemã, não excluiu de todo os traços de uma herança judaica. Nas escolas judaicas que promoviam condições para a construção do *judeu alemão*, os aspectos do judaísmo apareciam nas disciplinas de História judaica e da Antiguidade hebraica mantinham-se nos currículos, ainda que de maneira *extra-religiosa*(SOARES, 2012:44). Restrito aos lares ou mantido de forma "discreta" nas escolas, o projeto assimilacionista parecia trazer *tensão entre dois pólos distintos: a manutenção da identidade judaica e a integração na sociedade não judaica*(SOUZA, 1997: s/p). Embora essa seja uma das questões a serem discutidas em nosso estudo, o foco está como já anunciado, na formação dos judeus alemães, afinal, é por meio desta formação que aqui estamos a investigar que *esses judeus se tornavam 'personalidades', e todas as portas estavam abertas para a personalidade, conforme o ideal social da época. Por meio da formação - não por meios políticos como a emancipação - eles pretendiam escapar do status oprimido de seu povo* (ARENDDT, 2003, p. 152).

Quando Susanne Behrenduma das entrevistadas por Gudrun Fischer (2005:26), comenta sobre os livros que seu pai se preocupou em trazer em sua fuga para o Brasil, os autores citados por ela, especialmente, Goethe e Schiller, além de outros que ali não aparecem, estavam no período do século XVIII e início do XIX, entre aqueles considerados como uma espécie de patrimônio nacional alemão (SOARES, 2012:40).

As pesquisas produzidas sobre a presença judaico alemã em Rolândia, nos leva a crer que ali naquele espaço se estruturou uma nova comunidade, unida primeiramente pelo sentimento de expatriação, pela condição de refugiados e pela necessidade de manterem viva a formação, fosse ela dentro

dos padrões formais ou não, a questão seria a de *estar em casa no mundo através de um cosmopolitismo universal, no qual o pertencimento dos indivíduos não se deve a sangue e solo, mas simem trânsito, esta em casa e reside, de direito, voluntariamente, numa sucessão de ambientes socioculturais em relação aos quais negocia*(RAPPORT,2002:95).

Para além das realizações e das atividades exercidas pelos judeus alemães em Rolândia, a escola - ainda que clandestina - e o Pró-Arte, espaço construído por eles, onde se realizavam palestras, comemorações e cursos justificam tal intento.

Traumann, por exemplo, seria um exemplo claro de *reciprocidade e periodicidade, onde os papéis de anfitriões e hóspedes levam a uma condição onde nenhuma das partes está clara ou absolutamente em casa em lugar nenhum, ou no qual se está em casa em e através do estar longe*(idem:99). Ele e quase todos os outros imigrantes judeus alemães viviam isolados da cidade, em fazendas vizinhas, porém, no caso de alguns, como o de Traumann, sua presença parecia ser uma constante entre a sociedade rolandense.

Ainda que Rolândia representasse um ambiente muito menos ameaçador do que a realidade que esses personagens haviam enfrentado na Alemanha de Hitler, a presença nazista- de acordo com alguns estudiosos eram cerca de 400 famílias alemãs - os mantinha longe do espaço urbano, vivendo isolados de certo modo, em fazendas que onde constituíram suas famílias, mantendo fortes laços de convivência para que os estudos não cessassem.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARENDDT, Hannah.**Entre o Passado e o Futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa, São Paulo,Perspectiva, 1972.

_____ **Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft.** 9.ed.
Munique: Piper, 2003.

FISCHER, Gudrun. **Abrigo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

LOBO, Fernanda. **As formas de sociabilidade judaica na Europa Ocidental do séc. XVIII e XIX: estigmas, paradoxismos e assimilacionismo.** Disponível em <<http://www.sociologia.uff.br/wp-content/uploads2/2013/01/Fernanda-Lobo.pdf>>, consultado em 14/08/2013.

PINCELI, Handrea Miranda de Paiva. **Fugindo do anti-semitismo: judias alemãs em Rolândia** (pr). Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1485-8.pdf>>, consultado em 14/08/2013.

RAPPORT, Nigel. **Em louvor do cosmopolita irônico: Nacionalismo, o "judeu errante" e a cidade pós-nacional.** Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 2002.

SOARES, Marco Antonio Neves. **Da Alemanha aos Trópicos - Identidades Judaicas na Terra Vermelha (1933-2003).** Londrina: EDUEL, 2012.

_____. Assimilação e emancipação na construção das identidades judaicas durante a República de Weimar. Simpósio nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, Goiânia. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_SOARES_idenidade_judaica_weimar.pdf>, consultado em 14/08/2013.

SOUZA, Célia Maria Gil de. **Os judeus no espaço alemão e a procura de uma pátria: problematização da obra de Die Judenvon Zirndorf de Jakob Wassermann.** Disponível em <http://www.ipv.pt/millennium/millennium26/26_16.htm>, consultado em 14/08/2013.

WEBER, José Fernandes. **Formação (*Bildung*), educação e experimentação em Nietzsche.** Londrina: EDUEL, 2011.



International Congress of History
Congreso Internacional de Historia

**VI CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE HISTORIA**

ISSN 2175-4446 (ON-LINE)
25 A 27 DE SETEMBRO DE 2013

10.4025/6cih.pphuem.120